

# LITERATURA SERGIPANA: PRÓXIMA, PORÉM DESCONHECIDA

**LEITE**, Maria Simone Santana  
[Simone.santanaleite@yahoo.com.br](mailto:Simone.santanaleite@yahoo.com.br)

**SANTOS**, Jacqueline Silva  
[Jack\\_santili@yahoo.com.br](mailto:Jack_santili@yahoo.com.br)

**SANTOS**, Marcela de Oliveira  
[Marcela\\_kika@hotmail.com](mailto:Marcela_kika@hotmail.com)

**LIMA**, Luiz Eduardo de Andrade (Orientador)  
Mestre em Ciências Sociais, Especialista em Educação e Crítica Literária,  
Licenciado em Letras Português-Inglês  
[leduardoalima@uol.com.br](mailto:leduardoalima@uol.com.br)

## RESUMO

Evidenciar a necessidade de se discutirem os problemas relacionados ao desconhecimento e, conseqüente desvalorização da literatura sergipana, constitui a finalidade deste artigo. Sua importância sustenta-se na crença das virtudes da literatura local e no esclarecimento dos sergipanos, ainda que de forma parcial, das particularidades inerentes ao seu patrimônio literário, contribuindo para o conhecimento, bem como, para eliminar toda e qualquer visão preconceituosa. Aborda o contexto histórico do surgimento e desenvolvimento da literatura sergipana, mostrando a visão da sociedade em relação a esta literatura, o papel das instituições de ensino no processo do conhecimento e valorização e, por fim, expõe sobre os autores. Nessa perspectiva sugere-se uma nova forma de olhar por parte do sergipano e em particular dos profissionais das letras, acerca da literatura local. A expectativa é que haja a conscientização e, principalmente, a aproximação efetiva entre o leitor e a literatura de Sergipe, esta que é o registro da sociedade e da história de quem neste Estado vive.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desconhecimento. literatura. Sergipe.

## **ABSTRACT**

Highlight the need to discuss the problems of ignorance and consequent devaluation of literature Sergipe, is the purpose of this article. Its importance is sustained by the belief of the virtues of local literature and clarification of Sergipe, albeit partial, of the peculiarities inherent in its literary heritage, contributing to the knowledge as well as to eliminate any biased view. Discusses the historical context of the emergence and development of literature Sergipe, showing the vision of society in relation to this literature, the role of educational institutions in the process of knowledge, appreciation and, finally, exhibits about the authors. From this perspective it is suggested a new way to look the part of the Sergipe and especially the professionals of the lyrics, about the local literature. The expectation is that there is awareness, and especially the effective approach between the reader and literature of Sergipe, that this is the record of society and the history of those who live in this state.

**KEYWORDS:** Ignorance. literature. Sergipe.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como finalidade evidenciar a necessidade de se discutirem os problemas relacionados ao desconhecimento e conseqüente desvalorização da literatura sergipana. Buscando uma maior compreensão das possíveis causas que influenciaram nesse processo.

A escolha do tema se justifica na crença das virtudes da literatura local, ou seja, obras produzidas por escritores do Estado, que resgatam a cultura do nosso povo, do nosso lugar, retratando nossa vivência, crenças e costumes.

O interesse pelo tema em questão surgiu da observação da falta de estímulo por parte das instituições de ensino, bem como dos órgãos públicos à literatura sergipana. Mas, surgiu principalmente, da preocupação de estarmos praticamente habilitados a lecionar a literatura nacional e não termos tido aprofundamento algum na nossa.

A importância deste trabalho é relevante, pois esclarece, ainda que de forma parcial, aos cidadãos sergipanos as particularidades inerentes ao seu patrimônio literário, contribuindo para o conhecimento, bem como, para eliminar toda e qualquer visão preconceituosa.

## CONTEXTO HISTÓRICO

O momento do surgimento da literatura sergipana é algo que não se pode determinar precisamente segundo Lima (1971), pois esta não teve sistematizada no tempo a sua trajetória. Até início da década de 50 do século passado, a literatura sergipana não possuía uma produção significativa e, de acordo com Romero (2001) é no nosso século, que vem, pouco a pouco, surgir às produções mais relevantes.

No período “pré-literário” (séc. XVII e XVIII) não tivemos uma literatura culta por causa das precárias condições sócio-econômicas, mas possivelmente, uma sublitteratura popular e religiosa (LIMA, 1971).

Entre 1820-1851 é que o fenômeno literário começa a se formar em nosso meio a partir de acontecimentos sociais como:

“[...] a separação de Sergipe da Bahia (1820-1824), a centralização administrativa (a partir de 1825), a presença de latinistas e pedagogos competentes (1829), [...], a instalação do Liceu de São Cristóvão (1830), a fundação da Imprensa (1832), [...], os primeiros ensaios poéticos de Oliveira Campos e Tupinambás Navarro (1934), a organização do teatro (1935), a circulação do “Noticiador Sergipense”, [...]” (LIMA, 1971, p.48)

Em meados de 1852 surgem as nossas primeiras tentativas românticas e ensaios poéticos iniciais, até então, segundo Lima (1986), os intelectuais produziam apenas uma imitação servil dos clássicos. Em 1855 fixa residência em Estância, Constantino Gomes (o primeiro intelectual sergipano de projeção nacional), estando livre da influência “clássica”, exerce uma intensa atividade literária, poetando, escrevendo e representando peças teatrais,

o que guiou durante certo tempo, as letras sergipanas. Seu irmão, José Maria Gomes (que é, em termos estritamente regionais, nossa maior expressão romântica), sob sua orientação, começa em 1857 a divulgar poemas, inaugurando um novo estilo poético (LIMA, 1986).

Nos anos de 1861-1862, ocorre o primeiro grande êxodo de intelectuais sergipanos para outros estados (Tobias Barreto- Recife, José Maria Gomes- Capital federal e tantos outros), sendo estes os maiores responsáveis pela literatura sergipana naquele momento, esta entrou em grande declínio, tomando novo alento somente com a volta de José Maria Gomes em 1868. Na década de 70, aparecem vários nomes como, Justiniano de melo, Oliveira Valadão, Jason Valadão, João Ribeiro e, no decênio subsequente surge, Lima Júnior, Oliveira Teles, entre outros (LIMA, 1986). Assim, começa a delinear-se no tempo e no espaço a literatura sergipana.

## **O DESCONHECIMENTO**

A literatura sergipana em relação a um conjunto de obras e autores privilegiados é considerada como menor e menos qualificada. Muitas vezes, a crítica sergipana enxerga as obras produzidas no estado por meio de uma escala de valores importados e, apresenta a literatura sergipana como menor e subalterna em relação a outras referências, principalmente as européias (PRADO, 2008).

É importante ressaltar que esta forma de consideração está relacionada a quem possui algum grau de conhecimento da literatura sergipana, pois o comum é ela ser, praticamente, desconhecida em seu meio. Como se sabe, este problema vem de muito longe e é muito amplo, é nítido que a literatura local não usufrui de muito prestígio por parte das outras sociedades e, principalmente, por parte da própria, mas também é óbvio que grande parte da

sociedade não possui o devido conhecimento, uma proximidade significativa da sua literatura e, ninguém pode gostar de algo sem o ter conhecido ou experimentado.

Enquanto obras e escritores aumentam significativamente, a nossa literatura parece não existir. É contraditório pensar que se há um volume de produção literária, há na proporção muito maior, o desconhecimento dessa literatura neste estado. Tal realidade nos preocupa, sobremaneira, por dois fatores: primeiro, por se está formando profissionais habilitados para trabalhar com a literatura sem que conheçam a sua própria produção histórico-literária; segundo, essa realidade se reflete na prática desses professores, gerando um quadro crescente de não-leitores e conhecedores da própria literatura. (VILALVA, 2008).

A pretensão não é estabelecer uma relação de supremacia entre a literatura sergipana e às outras literaturas, mas transparecer que não há uma maior, mais qualificada ou de menor valor que a outra, todas têm o seu valor. Assim sendo, a literatura local não pode ser excluída, como vem sendo, por parte de praticamente toda a sociedade. Não se trata de obrigar, de impor a valorização a quem quer que seja, mas é lamentável a inexistência de incentivos. Do jeito que está só haverá conhecimento, unicamente, por vontade própria.

Para a literatura conquistar autonomia é preciso que ela seja reconhecida e valorizada. Para ter um espaço definido, ter existência, a obra precisa de um ser social que a compõe e, de outro, que a recebe. Dessa forma, é preciso que a comunidade busque suas raízes, tome conhecimento e faça uso da criação literária local, para que esta possa adquirir uma identidade literária própria, seja valorizada e se consolide, pois a realidade é que não conhecemos as nossas produções literárias; não a divulgamos; não fazemos leitores e não nos inserimos no mercado editorial que é o meio de canonização.

“Não são poucas as carreiras literárias interrompidas pelo fato de os próprios pares locais não lhes darem a chance de um olhar mais atento, pois estes estão com o pensamento mirando as obras produzidas nos centros de poder econômico e cultural. Da mesma maneira, tornam-se reduzidos os espaços em que essa literatura pode ocupar, porque a mesma visão interfere no valor de mercado de escritores periféricos”. (PRADO, 2008)

Uma obra pode aparecer ou desaparecer, como também pode permanecer, isso porque há uma hierarquia para a literatura que lhe atribui juízos de valor e influenciam em seu consumo. São setores especializados pela literalização maior ou menor de um ou de outro, estes são segundo (LAJOLO, 2001,) os intelectuais, os professores, a crítica, o merchandising de editoras de prestígio, os cursos de letras, os júris de concursos literários, os organizadores de programas escolares e de leituras para vestibular e as listas de obras mais vendidas. Talvez por isso:

“Alguns livros são muito conhecidos e estão em todas as livrarias, todos conhecem o nome de quem os escreveu. [...] São badalados, são às vezes estudados nas escolas, sua obra é analisada em teses e em congressos. Os vivos recebem convites para conferências, participam de noites de autógrafos, e de feiras de livros. Já outros- muitos e muitos outros- não desfrutam desta festa toda. Seus nomes são desconhecidos, suas obras são difíceis de serem encontradas, não constam nas bibliotecas, ninguém fala delas. Eles imprimem às vezes seus próprios livros e não encontram leitores para além da família e dos amigos mais próximos. “(LAJOLO, 2001, p.14)

Muitas são as carreiras literárias interrompidas por não lhes darem a chance de um olhar mais atento, ficando em foco somente as obras produzidas nos centros de poder econômico e cultural. Vários são os problemas: é o fato de que grande parte dos textos é publicada, por falta de incentivo, em edições muito reduzidas e, portanto, não aparecem, ficam restritas as pessoas mais conhecidas e muitas vezes se quer conseguem chegar até uma livraria; são os critérios de inclusão ou exclusão de textos como “literários” ou não; é uma total falta de estrutura, como apresenta (SENA, 2009):

“A literatura sergipana está sendo tratada sem o mínimo de consideração pelo poder público. No mercado municipal Thales Ferraz, há um stand, ou melhor dizendo, um balcão próximo a uma das saídas, que abriga (o termo é esse mesmo) o comerciante José Rito, um apaixonado pela literatura sergipana. Trabalhador abnegado, ele conta que comercializa livros da nossa literatura, atendendo principalmente os turistas que comparecem ao local. Há várias obras expostas de artistas sergipanos[...]

Prefeitura de Aracaju, apenas cobra mensalmente uma taxa de localização, pelo uso do espaço público. Não há uma estrutura que permita um bom comércio no local. Os livros são expostos de forma pouco convidativa. Não há iluminação adequada nem espaço para se folhear as obras.”

Por fim, nossos artistas que nos mostram ricos detalhes de nossa cultura e a sensibilidade de nosso povo, ficando isolados, com sua produção não reconhecida e integrada no campo literário, mostram-se, desestimulados e desapontados com sua própria sociedade, esta que tantas vezes se esforça para representar. Esta falta de apoio ficou bem nítida nas palavras do poeta Araripe Coutinho, quando numa entrevista a um jornal da cidade de Aracaju, perguntaram-lhe se o sergipano não lê outro sergipano:

“O sergipano não lê. O sergipano não lê jornal. não sabe quem foi Manoel Bonfim, Amando Fontes, Carmelita Fontes, Gizelda Moraes, Núbia Marques. Não tem interesse. As edições são escassas. A Secretaria de Estado da Educação não tem uma política de incremento ao livro. Estamos cada vez mais destituídos de qualquer incentivo. Literatura é caso de polícia. Prende-se o escritor num casulo. O escritor é um condenado ao silêncio. E olhe que não somos J.D Sallinger.” (ARAÚJO, 2009, p.15)

Neste sentido, faz-se necessário, urgentemente, um resgate intelectual e artístico para superar essa condição (que não se pode afirmar com precisão, se foi imposta a sociedade sergipana ou se esta a impôs), permitindo que a produção literária deste Estado seja estudada, a partir de textos e escritores que produziram em vários momentos históricos com o olhar consciente da sua cultura, da sua história, da sua gente, enfim, das suas raízes.

## **O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO NO PROCESSO DO CONHECER E VALORIZAR**

Vivemos em um país em que a população como um todo não é leitora, principalmente os jovens. Relacionando ao ensino de literatura, muitas são as queixas de que os alunos não gostam de ler e que, principalmente, não interpretam o texto literário, mas, conforme se observa, os leitores se identificam com os textos que trazem algo da sua realidade, que vão de encontro com as suas vivências. Portanto, sendo o ensino centrado em leituras que não despertam interesse ou em leituras obrigatórias “[...] cria uma barreira entre o objeto de

conhecimento (a literatura) e o sujeito aprendiz (o aluno). Esta barreira se coloca, através da utilização do texto literário, como algo descontextualizado da realidade do aluno” (MOURA, 2006, P.79).

Partido desta premissa impõe-se pensar que a inserção da literatura local (sergipana) na sala de aula é um grande subsídio para despertar o interesse do aluno, algo que é tão necessário nas escolas ultimamente. A escola é vista como espaço positivo para os escritos literários, já que significa o ponto de encontro com os livros. Dessa forma, a sala de aula deve ser, primeiramente, o ambiente que proporcione o contato com a literatura local, propondo aos alunos a leitura de escritos produzidos por autores que fizeram ou fazem parte do seu estado, o que, com certeza, leva o estudante a ver o ensino adaptado a sua realidade, já que é nesses textos que se registra a cultura de um povo, de um lugar, ou seja, é o registro da sua própria cultura e da sociedade onde ele vive.

Segundo (LAJOLO, 2001) para que uma obra literária exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. E para ela passar das mãos do autor aos olhos do leitor, várias instâncias se interpõem. Destas, a escola é fundamental, é a maior responsável pela consagração ou não de obras e de autores. Assim, o professor de literatura constitui a peça-chave para o sucesso ou o fracasso do processo proposto: possibilitar ao aluno o contato com a vida cultural de sua região, seus valores, suas raízes, ou seja, o contato com textos literários de autores que estão ou estiveram bem próximos.

Para tanto, é preciso repensar o modo pelo qual a literatura é trabalhada no âmbito escolar. Sabemos que há um conjunto de obras privilegiadas, canonizadas pela literatura, mas por que determinadas obras devem ser lidas com primazia e outras não? Talvez seja a falta de empenho por parte da escola e de seus professores em tornar conhecida a obra de seus autores, para que estes se consolidem. Existe por parte de muitos, a ideia de que “culto” é o que lê as



produções que pertencem às tradições, às convenções sociais, obras já determinadas como “clássicas”. Dessa maneira, não percebem o valor da literatura local.

A formação do gosto se dá através do contato, ninguém gosta de algo que não conhece. Dessa forma, os professores não podem ignorar a tarefa de instigar, de propor aos alunos a leitura de obras que são constituídas a partir da sua cultura, do contexto histórico do seu estado, ou seja, que fazem parte do seu patrimônio literário. Se ocorrer o inverso, esta cultura, este patrimônio ficarão ainda mais empobrecidos. É como afirma (SIMÕES, 2009):

“Fazer valer a herança cultural que o município tem em termos de literatura, de patrimônio literário, estimula o senso crítico a partir da ligação entre o texto e o contexto interno e a realidade que os circunda e abre o caminho para que o leitor vivencie a sua própria realidade, chegando a conclusões sobre o texto literário e sobre a literatura, haja vista que muitos textos literários tratam de sentimentos, sensações, idéias, problemas ou lugares dos quais os alunos tiveram alguma experiência direta.”

O homem vive em sociedade, estabelece trocas mútuas. Tudo o que é produzido é herança e precisa ser transmitido às gerações seguintes, pois expressa algo da realidade social, é um patrimônio cultural. As características do tempo estão presentes em cada produção, cada obra literária traz marcas do seu contexto sócio-histórico, trabalhar com esse tipo de obra é estabelecer uma relação com o passado, articulando-o com o presente (BENDER, 2007).

O trabalho com obras e autores significativos, que contribuem para a formação da literatura do estado é importante, válido e necessário, pois constitui a valorização e o fortalecimento da própria cultura. Mas, para que as obras possam ser lidas e apreciadas é preciso que cheguem às mãos dos leitores, e nesse sentido, o papel dos professores é de fundamental importância (SIMÕES, 2009). Porém, muitas vezes, o maior obstáculo está em o próprio docente não ter conhecimento sobre a literatura em questão, o que pode não significar responsabilidade deste, e sim o fato de ter acontecido consigo, o que irá acontecer com o seu aluno, se ele não tomar consciência de sua tarefa, ou seja, não ter tido durante toda a sua vida

escolar contato algum com a produção literária de seu corpo social. Assim, como ensinar o que não se tem conhecimento?

“[...] é necessário que os professores tenham o senso da busca de novas obras, que procurem valorizar a literatura produzida por escritores do interior do Estado, porque se não é a escola fazendo isso outras instâncias culturais, sociais, pouco ou nada farão, já que esse é um papel de todos, mas a responsabilidade de proporcionar a leitura aos alunos é da escola, ou seja, a escola possui um papel de destaque nesse processo.” (SIMÕES, 2009).

A necessidade de se discutir sobre os problemas da formação e das possibilidades para orientar professores de Literatura é evidente. Somente com essa medida teremos uma transformação na prática docente, conduzindo a um ensino motivador e eficiente. Porém, o que é mesmo imprescindível é que o professor tenha consciência de que para levar a leitura até seus alunos, ele precisa, antes de tudo, ser um bom leitor, ser capaz de olhar não só para os “grandes autores”, para as “grandes obras literárias”, mas para bem mais perto de si e, possibilitar aos alunos o conhecimento e a leitura de obras literárias do seu corpo social. Dessa forma, as escolas contribuíram para a valorização e o fortalecimento da nossa cultura. O aluno, por sua vez, terá a oportunidade de ter contato direto com obras que merecem destaque, por terem contribuído para a formação da identidade literária do seu estado.

## **OS AUTORES**

Segundo Lima (1971) é considerado autor sergipano não só aqueles que nasceram no nosso estado, mas também os que por algum motivo vieram aqui se estabelecer quando criança ou já adulto. O que irá evidenciar o autor como sendo ou não sergipano é a essência de sua obra, a integração desse autor na realidade histórico-cultural do estado, diferindo daqueles que mesmo sendo sergipano de berço não tenham contribuído para a sua literatura.

Para Romero (2001) Sergipe nunca foi bem compreendido, porém é uma região digna de apreço e os sergipanos figuram, por direito de conquista, dentre as pessoas que se deixam notar pela vivacidade da inteligência. Porém, os autores não têm o prestígio devido por causa do pouco valor político e social do estado, assim como, por causa da inegável homenagem, que constantemente existiu para com os homens dos grandes estados “[...] os poderosos arranjadores de empregos, escudados nas enormes representações em parlamentos e congressos” (ROMERO, p.22, 2001). O que, como consequência envolveu os bons talentos das pequenas províncias no esquecimento.

Vários foram os intelectuais que nos primórdios da carreira deixaram Sergipe e foram para estados maiores, para estudar ou a procura de oportunidades. De acordo com (ROMERO, p.22, 2001) esses autores “[...] deixaram a inculta província e emigraram para outros centros culturais desenvolvidos, onde pontificaram como homens de letras.” Entre estes autores pode-se citar Tobias Barreto, João Ribeiro e o próprio Sílvio Romero.

Hoje, os autores sergipanos ainda enfrentam grandes obstáculos: “seus nomes são desconhecidos, suas obras são difíceis de serem encontradas, [...] ninguém fala delas. Eles imprimem às vezes seus próprios livros e não encontram leitores para além da família e dos amigos mais próximos.” (LAJOLO, p.14, 2001).

Aqui é exposta uma das causas deste problema:

“Muitas vezes, a crítica sergipana enxerga as obras produzidas no estado por meio de uma escala de valores importada. Acontece que essa postura crítica, além de desconfortante para os escritores à margem dos centros de cultura, impõe restrições ao campo da produção e da recepção editorial no estado. Não são poucas as carreiras literárias interrompidas pelo fato de os próprios pares locais não lhes darem a chance de um olhar mais atento, pois estes estão com o pensamento mirando as obras produzidas nos centros de poder econômico e cultural.” (PRADO,2008).

Apesar das dificuldades, do desconhecimento e dos outros problemas desta espécie existem, felizmente, no estado de Sergipe inúmeros autores, inúmeras obras dignas de

apreciação e reconhecimento. Não havendo aqui espaço para citá-los em totalidade apresentaremos alguns que, com certeza, representam com dignidade a literatura sergipana:

✚ **Antonio Carlos Viana** nasceu em Aracaju e é doutor em Literatura Comparada. O contista sergipano já publicou: *Brincar de manja* (1974), *Em pleno castigo*(1981), *Aberto está o inferno*(2004), *O meio do mundo e outros contos* (1993) e *Cine privé* (2009).

Em entrevista a revista *Conhecimento Prático/ Literatura*, o próprio Viana expôs sobre o que retrata em seus contos:

“[...] meus contos falam de um lugar interiorano porque passei grande parte de minha infância num lugar afastado de todo contato urbano[...]. Muitos contos buscam nessa memória matéria para virem à luz, mas nada planejado. Alguns dão certo, outros não. Mas também escrevo sobre personagens urbanos,[...]. O ponto de contato maior entre esses dois mundos, o rural e o urbano, é o de sempre; falo de seres à margem, os esquecidos pelo sistema.” (RODRIGUES, 2010, p. 6-7)

“Santana Quemo-Quemo” é um dos contos de “Cine privé”, último livro lançado por Viana:

*Quando os carros chegaram, minha mãe fazia uma galinha que meu irmão tinha arranjado naquela manhã mesmo, num quintal longe dali. O pirão ia ficar gostoso. A gente sabia que os carrões iam chegar, a notícia corria desde o começo da semana e já era sexta-feira. As mulheres se descabelavam, berrando que não tinham para onde ir. Pareciam ter enlouquecido todas de uma vez. [...]*

*Os homens nem quiseram conversa. Em vez da polícia, trouxeram coisa melhor: a banda de música dos bombeiros. Acho que pra dizer que eram da paz e assim também nos distrairiam da desgraça que é sair com os trens nas costas para despejar num outro canto. A banda se posicionou, um homem deu sinal, ela começou a tocar. Depois veio o trator, alucinado, abrindo caminho. O bicho roncava feito fera partindo com fome pra cima da gente. Não dava nem mais para ouvir a música, uma de Roberto Carlos, num ritmo bem animado. Nosso barraco era o primeiro da fila. Ia se esfrangalhar que nem cavaco chinês. Os*

*ratos corriam por tudo que era canto. Foi nessa hora que vimos nossa mãe sair daquele jeito dela pela portinha de nada, os cabelos de assombração, os peitos mal-amanhados numa tira de pano que fazia as vezes de sutiã. Pendiam feito trouxa desaprumada.*

*Ela foi pra cima do homem, um de camisa azul de manga comprida e gravata cheia de borboletinhas. Ele, na maior calma: "Área de preservação ambiental, a ordem é derrubar tudo". E todo sério, com um papel na mão: "Aqui não pode fazer barraco. Deviam saber". E pra onde a gente ia? "Se virem, assim como vieram pra cá, agora se virem", falou o homem ajeitando a gravata, borboletinha de tudo que era cor. Enquanto isso, o trator ciscava atrás dele, só esperando a ordem, parecia um touro brabo.*

*[...] Quando estava tudo no chão, vimos nossa irmã, do outro lado do riacho, segurando pelas alças a panela da galinha, que a gente comeu, feliz, debaixo da amendoeira, quando os homens foram embora, já tudo derrubado. [...]*



**Jeová Santana** nasceu em Maruim e é mestre em Teoria Literária. O poeta e contista sergipano já produziu: *Dentro da casca* (1993), *A ossatura* (2002), *Inventário de ranhuras* (2006).

“Jeová explora o universo dos humilhados e ofendidos. Ele lança um olhar dostoiévskiano sobre os personagens que estão e sempre estiveram bem aí, do nosso lado, no corpo a corpo com a sobrevivência, soterrados pela dureza da realidade severina do Nordeste. Na prosa de Jeová, eles ganham voz e relevância.” (LIMA, 2006)

"A ossatura", segundo livro do escritor é composto por vinte e cinco contos que versam sobre o drama do ser humano diante da opressão, da crueldade, do medo. O conto que dá título ao livro é a história de uma mulher pertencente a uma família conservadora. Suas irmãs mais velhas tiveram casamentos arranjados, e ela rebela-se em pensamento contra a autoridade do pai. Casa-se com um homem que ela não ama, mas que tem posses suficientes para comprar a aceitação do pai. (ROSÁRIO, 2007).

*[...] Serei testemunha, meu pai, da sua queda a alguns anos; serei aquela que estará mais próxima das suas mãos em ruínas. Esconderei o prazer de ver extinto dos seus olhos esse fogo dos demônios que nos dilacera e nos lança numa corrida desesperada, a fugir feito ratos, buscando os menores cantos da casa e ali ficar horas à fio, num espanto desmedido, matutando sobre essa força que lhe ampara,[...].*

*Imaginei ter um destino diferente de minhas irmãs; que meu casamento não seria uma transação de pecúnios, [...].*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Centrando nossas pesquisas na problemática do desconhecimento e desvalorização da literatura sergipana, não tivemos a intenção de fazer apologia, comparação ou estabelecer uma relação de supremacia, mas apenas ressaltar a existência e a importância da nossa literatura.

O propósito é poder despertar no outro o interesse. Deixar claro que possuímos autores e obras merecedores de destaque, já que retratam nosso meio, nossa vivência e nossa história de forma significativa, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural e intelectual da comunidade.

Sugerimos uma nova forma de olhar por parte do sergipano e em particular dos profissionais das letras, acerca da literatura local, pois esta não pode ser ignorada, não podemos desconhecer nossos escritores que tanto se esforçam para evidenciar nossa cultura.

A expectativa, agora, é que haja a conscientização e, principalmente, a aproximação efetiva entre o leitor e a literatura de Sergipe, esta que é o registro da sociedade e da história de quem neste Estado vive.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Isabelle. **“Não se lê poesia no Brasil”**. Jornal da cidade. Aracaju, SE, 25 out. 2009. Coluna Bem Estar, p.15.
- BENDER, Eliane Andréa. **O livro didático de literatura para o ensino médio**. Publicado: 2007. Disponível em: <http://tede.pucrs.br>. Acesso em: 15 fev. 2010.
- José Olyntho O. Neto; Márcia Maria F. de Lima. **Prosa sergipana: uma antologia**. Brasília, Thesaurus, 1992.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leituras**. São Paulo: Moderna, 2001.
- LIMA, Jackson da Silva. **História da Literatura Sergipana V.2**. Aracaju, FUNDESC, 1986.
- LIMA, Jackson da Silva. **História da Literatura Sergipana V.1**. Aracaju, FUNDESC, 1971.
- MOURA NEVES, Maria Helena. **Que gramática estudar na escola?** São Paulo: Contexto, 2006. (capítulo: Ensino de literatura no 2º grau: possibilidades de leitura- autora: Zuleika de Felice Murrie, p.79).
- PRADO, Thiago Martins. **Revisões para a crítica da literatura sergipana (I)**. Publicada: 2008. Disponível em: <http://www.jornaldacidade.net>. Acesso em: 08 jan. 2010.
- RODRIGUES, Rafael. Antonio Carlos Viana. **Conhecimento Prático Literatura**. São Paulo, vol. 18, p. 6-7, fevereiro, 2010.
- ROMERO, Sílvio. **Parnaso Sergipano**: (edição comemorativa), organização, Luiz Antonio Barreto. Rio de Janeiro: Imago Ed; Aracaju, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2001.
- SENA, Andresa. **Cordel e outras literaturas em Sergipe**. Publicado: 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com>. Acesso em: 08 fev. 2010.
- SIMÕES, Nilza Aparecida Fernandes. **A literatura local como mediação da prática de leitura**. Publicado: 2009. Disponível em: <http://www.sed.ms.gov.br>. Acesso em: 15 fev. 2010.
- VILALVA, Walnice Aparecida Matos. **Literatura Mato-Grossense**. Publicado: 2008. Disponível em: <http://tangara.unemat.br>. Acesso em: 20 jan. 2010.